

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

MARCELO CARDOSO DE PAULA RODRIGUES

SANTA RITA DA PEDRA-SABÃO

O protagonismo do distrito de Santa Rita de Ouro Preto
e sua arte em pedra-sabão.

Fotolivro

Mariana

2023

MARCELO CARDOSO DE PAULA RODRIGUES

SANTA RITA DA PEDRA-SABÃO

O protagonismo do distrito de Santa Rita de Ouro Preto
e sua arte em pedra-sabão.

Memorial descritivo de produto comunicacional
apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade
Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para
obtenção de título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Debora Cristina Lopez

MARIANA
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R696s Rodrigues, Marcelo Cardoso De Paula.
Santa Rita da Pedra-Sabão. [manuscrito] / Marcelo Cardoso De Paula
Rodrigues. - 2023.
34 f.

Orientadora: Profa. Dra. Debora Cristina Lopez.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Artesanato. 2. Cidades e vilas. 3. Fotografia. 4. Fotojornalismo. 5.
Identidade (Psicologia). 6. Pedra-sabão. 7. Santa Rita (Ouro Preto, MG). I.
Lopez, Debora Cristina. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 77.044(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcelo Cardoso de Paula Rodrigues

Santa Rita da Pedra Sabão

Projeto experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 24 de março de 2023

Membros da banca

Profa. Dra Debora Cristina Lopez - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Publicitário Leonardo Homssi - (Converso Comunicação)
Prof. Dr. Flávio Valle - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra Debora Cristina Lopez, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/05/2023



Documento assinado eletronicamente por **Debora Cristina Lopez**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/05/2023, às 09:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0518102** e o código CRC **322F3E0D**.

Aos santa-ritenses, minhas fontes imensuráveis de inspiração.

AGRADECIMENTOS

À minha família,

Aos amigos,

Aos professores,

Aos santa-ritenses e artesãos,

A todos que são importantes para mim e que sabem disso.

A educação pela pedra

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.*

*

*Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar;
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.
(NETO, 1979, p. 11-12)*

RESUMO

“Santa Rita da Pedra-Sabão” é um fotolivro do distrito de Santa Rita de Ouro Preto, município de Ouro Preto, Minas Gerais. A localidade é uma das mais antigas da região, cuja história é paralela ao surgimento das primeiras cidades do Estado, e é fortemente marcada pelo artesanato em pedra-sabão. Santa Rita conta com uma população característica das pequenas localidades interioranas mineiras, com pessoas simplórias, acolhedoras, marcadas pelo catolicismo e que nutrem o mesmo apreço pelo artesanato. Por meio de entrevistas e sessões de fotografia, buscou-se entender, observar e registrar o pertencimento à localidade, o dia a dia dos santa-ritenses e suas relações com a pedra-sabão. A pesquisa possibilitou a narrativa, pelos próprios moradores e artesãos, de todo os seus universos, sensibilizando tanto o nosso olhar para a compreensão desse pertencimento, quanto de cada um deles para a importância de onde vivem e do que fazem, além de promover mudanças significativas no agir da própria coletividade. Nesse contexto, o memorial que acompanha o fotolivro abre discussão sobre as relações de pertencimento e identidade entre os moradores, os moradores artesãos, o ofício e a Pedra, e como essas relações transcendem as dificuldades atreladas ao conceito de comunidade e ao trabalho artesanal.

Palavras-chave: Santa Rita de Ouro Preto; cidade; fotografia; pedra-sabão; artesanato; identidade; pertencimento.

ABSTRACT

"Santa Rita da Pedra-Sabão" is a photobook of the district of Santa Rita de Ouro Preto, municipality of Ouro Preto, Minas Gerais. The locality, one of the oldest of the region, has its history linked to the appearance of the first cities of the State, and is also renowned by the handicraft soapstone products. Santa Rita population is typical of the small towns from the interior of Minas Gerais, with simple, welcoming people, who nurture the same appreciation for craftwork, and are marked by Catholicism. Through interviews and photography sessions, the aim of the project was to understand, observe and record the local residents feeling of belonging to the locality, the daily routine of the "santaritenses" and their connection with the soapstone. The project enabled the residents and artisans themselves to narrated their universes, what brought more sensitivity to our understanding of their history. In this context, the memorial that goes along with the photobook, opens a discussion about the feeling of belonging and the identity of the residents, artisans, and also discuss their connection with the handicraft and the soapstone, showing how these bonds transcends the difficulties linked to the concept of artisan work and community.

Keywords: Santa Rita de Ouro Preto; city; photography; soapstone; handicraft; identity; belonging.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Primeira capela construída, não datada. Arquivo pessoal.....	13
FIGURA 2 - Atual igreja matriz, 1965. Arquivo pessoal.....	13
FIGURA 3 - Matéria pela revista Veja, 2000. Fonte: OPPS.....	15
FIGURA 4 - Detalhes da estátua do Cristo Redentor, não datada. Autor não divulgado.....	15
FIGURA 5 - Mapa do município de Ouro Preto. Fonte: Secretaria de Turismo.....	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 SANTA RITA DA PEDRA-SABÃO	12
1.1 Questões ambientais, apoio e legalização.....	19
2 A FOTOGRAFIA	21
2.1 O fotolivro e seu papel no instante.....	25
3 CAMINHOS DA PESQUISA.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto surgiu desde o início da minha graduação, motivada não só pelo afeto e pela consideração à comunidade de Santa Rita de Ouro Preto e ao artesanato que nasce de lá, mas também do desejo de materializar a valorização e preservação de parte da história, da cultura e da tradição do distrito. "Santa Rita da Pedra-Sabão" tem por objetivo a produção de um fotolivro digital como forma de materializar minhas andanças pelo distrito, andanças marcadas por experiências e vivências com o cotidiano das ruas, das casas e de suas janelas, com os moradores e artesãos da pedra, além de me fazer capaz de retribuir à comunidade toda a confiança que me foi dada durante a produção. Em complemento a isso, me coloco não apenas como pesquisador e comunicador da Universidade, mas também como morador e conterrâneo de todos os meus personagens. Busco conhecer e entender as individualidades, as relações entre eles, suas identidades, lembranças, afetos e o pertencimento com a localidade.

Considerando que territórios podem ser estabelecidos por aqueles que residem ali, e com a finalidade de ouvir, conhecer e registrar as pessoas e o local onde nasci e cresci, parti em caminhada buscando experiências e vivências, onde também cultivei, e ainda cultivo, inúmeros afetos. Trata-se de um lugar marcado pelo jeito acolhedor do interior mineiro, mas que também preserva o artesanato em pedra-sabão como uma das mais marcantes e tradicionais expressões artísticas de Minas Gerais. Ao longo de todas as minhas andanças, procurei observar o cotidiano de Santa Rita por meio dos sentidos e do atento, fazendo com que todo o projeto se tornasse o mais característico, expressivo e sincero possível.

Embora o fotolivro seja composto por imagens, há muito por trás de todas elas que vão além dos papéis que estão nele. Apesar de ser o fio norteador exposto no trabalho, desde o primeiro momento soube que não seria possível conhecer o santa-ritense e o artesão apenas por meio da imagem. A experiência de caminhar pelas ruas, sentar nas calçadas e observar as vidas acontecerem, bater nas portas e pedir um tempo e um espaço nas casas, nas oficinas, tomar um café, escutar as histórias, trocar experiências e, de alguma forma, materializar tudo isso, além de exercitar o poder da escuta, ajuda a evidenciar a vida de pessoas que acrescentam tanto ao meu trabalho quanto à minha experiência enquanto comunicador. Santa-ritenses da "velha guarda", artesãos com anos de dedicação que fazem do quintal de suas casas um espaço de inspiração e jovens atentos que seguem o ofício dos pais. Minha intenção não é apenas colocar em discussão os contextos histórico e cultural de Santa Rita de

Ouro Preto, mas também ajudar a evidenciar os moradores e os artistas que trazem a matéria prima à tona e a transformam.

Meu trabalho começa não apenas pela pesquisa, mas também em compreender as vidas e as individualidades dos moradores e de Santa Rita enquanto localidade. Apresento as fotografias como metodologia principal de registro dessas vivências, uma vez que ela "supõe a tradução fiel, severa e minuciosa do contorno [...]" sem excluir a "possibilidade de escolha da atitude mais característica do indivíduo e a ênfase dos detalhes mais importantes" (FABRIS, 2004). A intenção é que, nas fotografias expostas, figure o cotidiano das ruas e dos moradores, com a intenção ainda de trazer parte de seus trabalhos e intimidade com o ofício que desempenham, e do lugar social em que o desenvolvem. Segundo Hurter (2011), basta conhecimento sólido do equipamento, técnicas de retrato e uma boa comunicação, relação com o personagem para o fotógrafo conseguir criar uma imagem agradável - "uma imagem que seu modelo irá estimar".

Além disso, o meu desejo é o de conhecer as pessoas, tanto em seus papéis como santa-ritenses quanto como artesãos, com base no que foi me permitido captar dos momentos que passei ao lado de cada um ou apenas observando o cotidiano nas ruas, acionando, até mesmo, lembranças que se tornaram fundamentais para a construção do meu projeto. É nesse ponto que me coloco no papel de mediar esse "contar de histórias" e trazer essas lembranças nas minhas fotografias. Busco refletir acerca desse acionamento de memórias em paralelo com o sentimento de pertencimento com o distrito e com o artesanato.

A proposta foi encontrar em Santa Rita os mais diversos tipos de vivências e experiências de vida, das ruas principais à periferia. Entrar nas casas e, conseqüentemente, nas vidas. Essas escolhas contribuem para a profundidade, intimidade e diversidade do trabalho, uma vez que tive contato com boa parte dos moradores e com artesãos que se dedicam à pedra-sabão, a fim de construir uma memória coletiva ampla, uma vez que a comunidade não é composta apenas por construções, mas também pelas pessoas que fazem parte dela.

Em minha busca por fontes, comecei pelo contexto mais próximo, o doméstico, uma vez que minha família é uma das mais antigas e tradicionais de Santa Rita e também por ser diretamente envolvida com o artesanato e com a produção em massa da pedra-sabão, há mais de 50 anos. Embora, ao pesquisador, o afastamento de seu objeto seja fundamental, as pessoas de minha família são importantes para a construção do projeto. É válido ressaltar que parte

das informações aqui contidas foram fundamentadas por meio de inúmeras entrevistas com meus familiares e com moradores do distrito, e após buscas minuciosas nos órgãos públicos municipais, foi constatado que não há registros disponibilizados que confirmem alguns dados que constam neste documento.

É importante destacar que, devido ao contato com o contexto familiar e por se tratar do cenário da minha infância e de parte da juventude, afetos pessoais foram despertados durante o processo de produção, pois no decorrer dele me deparei com pessoas e situações que fizeram e fazem parte do que sou. Por conta disso, Santa Rita é, portanto, personagem principal não apenas do meu trabalho, mas também da minha história. Além de ter ido em busca de santa-ritenses dispostos a contar sobre as histórias vividas no distrito, a cada passo meu era possível fazer registros do cotidiano e de seus acontecimentos: o caminhar e as prosas dos moradores, o pra lá e o pra cá dos carros e das bicicletas, os sons da natureza etc. Pude me tornar, ainda mais, personagem fiel das minhas raízes e de tudo que adquiri até aqui.

1. SANTA RITA DA PEDRA-SABÃO

O século XVI era tomado por lendas sobre a existência de possíveis riquezas minerais no interior do Brasil. Centenas de exploradores lusos saíram pela região em busca não só de ouro, mas também pedras preciosas e escravos indígenas. Entre os imigrantes estava Martinho de Vasconcelos, um bandeirante português que, ao explorar as margens do Ribeirão Falcão, descobriu uma região com terra rica e ideal para o cultivo de cana-de-açúcar, café e criação de gado (RODRIGUES *apud* RODRIGUES, Maurinice, 2012, p. 51). Após o povoamento da localidade que deu origem a uma vila primitiva chamada Santa Rita de Cássia, devida à devoção dos bandeirantes à santa italiana¹, toda a produção extraída era destinada à comercialização na então Vila Rica, capital da Coroa Portuguesa e sede da Capitania de Minas Gerais (RODRIGUES, 2009).

Mas não era apenas isso. Os povos que já viviam na região possuíam prática em uma atividade até então desconhecida pelos colonos: a extração e o manuseio da pedra-sabão. Os índios que ocupavam a região do Vale do Itacolomi, onde hoje se encontra Ouro Preto, utilizavam a rocha para a produção de painéis de pedra. Após a chegada dos portugueses e com a exploração dos recursos minerais, a pedra-sabão passou a ser utilizada também nas construções civis, como os casarios e monumentos (BURGUER, 1927), fazendo com a rocha se desenvolvesse paralela ao ouro. O trecho “Será obrigado o Mestre que a fizer a tirar e conduzir toda a Pedra do Itacolomy, e de Sabão para ope da obra (...)”, retirado dos arquivos da Ordem 3ª de São Francisco de Assis [datados] de 1774, confirmam essa forte herança da pedra-sabão enquanto recurso mineral utilizado em toda a região (BEZERRA, 2002).

O local era caminho de tropeiros e rota antiga de comércio, o que promoveu a prosperidade dos fazendeiros e comerciantes da região, propiciando a expansão urbana do local. Durante o século XVIII a pedra-sabão era utilizada para manuseio nos canteiros de obras de toda região, porém seu uso até meados do século XIX foi esporádico. A partir da década de 1970 a extração de pedra-sabão foi impulsionada pelo artesanato e turismo, e hoje a região é a maior produtora de pedra-sabão de todo o Brasil (RODRIGUES, 2012).

Em 1734, quando já se formava um pequeno povoado, a esposa de Martinho de Vasconcelos, dona Ana de Vasconcelos, católica e extremamente devota a Santa Rita de Cássia, "foi a promotora da fé que se estendeu sobre a santa por aquelas paragens" (trecho extraído da Ficha de Inventário de Patrimônio Imaterial da Festa de Santa Rita). Com a ajuda dos trabalhadores da região, ela construiu uma capela em devoção à Santa Rita de Cássia

¹ Santa Rita de Cássia foi beatificada em 1627 e canonizada em 1900 pela Igreja Católica. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/historia-de-santa-rita-de-cassia/>. Acesso em 09 jun. 2019.

(imagem 1). Tratava-se de um monumento típico das edificações religiosas mineiras da época, com frontão triangular e telhado simples de duas águas, erguida em pedra, barro, madeira e com ornamentos e esculturas artisticamente trabalhados na pedra-sabão². Em 1964, a construção foi demolida para dar lugar à atual igreja (imagem 2), maior e de traços modernos, que preservou apenas as imagens sacras da antiga capela (RODRIGUES, 2016).



Imagem 1 - Primeira capela construída. Sem registro de data.
Fonte: Arquivo pessoal.

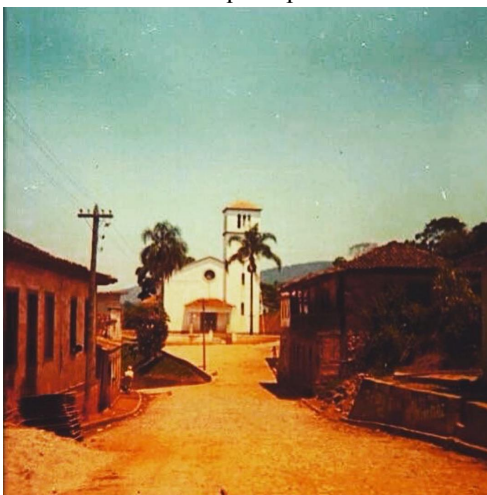


Imagem 2 - Atual igreja, datada logo após a finalização de sua construção, em 1965.
Fonte: Arquivo pessoal.

O povoado era denominado Saquariba, nome designado à região montanhosa do local, e passou a ser chamado Santa Rita de Cássia quando a pequena capela foi erguida (AZEVEDO; ASTONI, 2014). A localidade foi elevada a distrito de Ouro Preto pelo Decreto-Lei Nº 148, de 13 de dezembro de 1938, quando passou a ser denominada oficialmente por Santa Rita de

² As informações não referenciadas neste tópico foram extraídas do site oficial da Prefeitura de Ouro Preto. Disponível em: <http://www.ouropreto.mg.gov.br/distrito/9>. Acesso em 04 jun. 2019.

Ouro Preto³. Segundo o senhor Felipe Alfredo, o distrito se manteve com uma população bastante pequena até 1970. A energia era fornecida pela represa da indústria que havia sido construída vinte anos antes, em 1950, para beneficiamento da matéria prima destinada à produção do pó de talco. Nessa mesma época, já havia na comunidade estabelecimentos comerciais como farmácia, carpintaria, perfumaria, fábricas de inseticidas, cachaça e painéis e, até mesmo, cinema.

A ocupação da região se deu pela produção agropastoril, uma vez que a exploração mineral não era atividade marcante ali. Os primeiros traços urbanos são datados do século 19, com os arruamentos de caminhos de tropeiros e de pequenos comércios que trouxeram o desenvolvimento do povoado, devido "à prosperidade de fazendeiros e comerciantes da região, que invariavelmente era ponto de pouso e rota de caravanas" (BOHRER, 2011). O principal marco da utilização da pedra-sabão, no entanto, são as obras de Antônio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho", que fizeram com que a UNESCO declarasse Ouro Preto como Cidade Monumento Mundial em 1980, "o que em muito ajudou na grande expansão do artesanato em pedra-sabão nas décadas seguintes" (LIPPMAN, 2006. p. 1).

A matéria prima da região foi escolhida pelo engenheiro Heitor da Silva Costa para revestir o que atualmente é considerado pela *New Open World Corporation* (2007) uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno: o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, entre 1926 e 1931. Segundo uma matéria realizada pela Revista *Veja* em maio de 2000 (imagem 3), intitulada "As luzes do Cristo", a responsabilidade de manter as características originais do revestimento do Cristo coube à extinta OPPS (Ouro Preto Pedra-sabão - Mineração, construção, indústria e comércio Ltda). Os arquivos da obra de construção da estátua citam Minas Gerais mas não especificam a região de procedência da pedra-sabão. Somente durante a produção da reportagem, o proprietário da OPPS, Flávio Orsini Nunes de Lima, relatou, contudo, que a pedra fornecida há quase 90 anos foi retirada da mesma jazida explorada por ele na época da reportagem, na região de Santa Rita de Ouro Preto.

As peças que formam o mosaico são pequenos triângulos, nas dimensões 3x3x4cm e espessura de 7mm, assentadas no concreto. Todo esse empenho foi por conta de suas propriedades mecânicas, ou seja, de característica impenetrável, não é afetada por substâncias alcalinas ou ácidas, e de resistência, por suportar temperaturas extremas - abaixo de 0°C ou superior a 100°C, e ficar exposta a poluição, ventanias, sol, chuvas e raios (AZEVEDO; ASTONI, 2014).

³As informações não referenciadas neste tópico foram extraídas do site oficial da Prefeitura de Ouro Preto. Disponível em: <http://www.ouropreto.mg.gov.br/distrito/9>. Acesso em 04 jun. 2019.

Ouro Preto “veste” o Cristo Redentor

LYDIA HERMANNY

Exatamente como há 59 anos, Minas Gerais foi novamente escolhida para fornecer a pedra-sabão que está sendo usada hoje na recuperação do Cristo Redentor, símbolo da cidade do Rio de Janeiro. Quando projetou a estátua, o engenheiro Heitor da Silva Costa acatou a sugestão de especialistas franceses em monumentos e buscou em Minas a pedra-sabão escolhida para revestir e proteger sua obra. Quase seis décadas depois, o mesmo tipo de pedra não só foi tirado de reservas mineiras, como passou pelo mesmo trabalho artesanal feito à época para compor o mosaico de pastilhas que veste o Cristo carioca.

Pesquisas

A responsabilidade de manter as características originais do revestimento do Cristo coube à OPPS — Ouro Preto Pedra Sabão — Mineração, Construções, Indústrias e Comércio Ltda. Os anais da obra de construção do Cristo citam Minas como o Estado que forneceu o material de revestimento, mas não especifica a região de procedência da pedra-sabão. Depois de pesquisas minuciosas sobre o tipo de pedra usada na época, o diretor e proprietário da OPPS, Flávio Orsini Nunes de Lima, supõe, contudo, que a pedra fornecida há quase 60 anos tenha sido retirada da mesma jazida hoje explorada por ele, na região de Santa Rita de Ouro Preto, distrito de Ouro Preto.

O tipo de pedra-sabão que reveste o Cristo é conhecido como pedra-talco. É uma pedra macia, de dureza 1, o menor índice da escala própria que caracteriza a pedra-sabão, que tem em Minas as maiores reservas do País. Apesar da macia, a pedra-talco é impermeável, resistente aos ácidos, à corrosão e, o que é importante no caso do Rio, também à maresia. A OPPS forneceu para o revestimento do Cristo 100 metros quadrados de mosaico de pastilhas de pedra, correspondentes à área danificada do monumento que, no total, tem 1.100 metros quadrados de revestimento.

Além de pesquisas e visitas ao monumento, Orsini vem prestando ainda assessoria técnica às obras. Ele acredita que a limpeza do Cristo quando da visita do Papa ao Brasil, há 10 anos, da forma como foi feita, com jateamentos, tenha contribuído para acelerar o processo de desgaste, não da pedra em si, mas das junções entre uma pastilha e outra do mosaico. “Por incrível que pareça, fizemos todo o trabalho exatamente como foi feito há quase 60 anos” — atesta ele.

Mosaico

Para o diretor da OPPS, a ideia original de revestir o Cristo com um mosaico de pastilhas representa uma proposta inteligente até hoje. Sendo irregulares, as pastilhas permitiram ao revestimento acompanhar as formas mais

arredondadas do Cristo. Setenta anos depois, a evolução tecnológica a ser usada agora no revestimento da estátua consistirá apenas na aplicação, sobre a pedra, de uma resina especial à base de silicone, desenvolvida na Alemanha. A substância repele a água sem prejudicar a respiração da pedra, pois não fecha completamente os poros existentes no revestimento. Antes da aplicação da resina, uma das últimas etapas da recuperação do Cristo, a estátua será lixada.

Como já provaram as estátuas de Aleijadinho, expostas às intempéries, a pedra-sabão não sofre alteração com o tempo e foi responsável pela conservação do monumento carioca. Parte do revestimento teve de ser retirada não pela má condição da pedra mas para que o Cristo passasse por reformas das malhas de aço situadas na parte interna da estátua. Embora Minas possua hoje as maiores reservas de pedra-sabão, muitas delas ainda são desconhecidas, segundo afirma o diretor da OPPS, empresa que detém hoje reservas de nove milhões de toneladas de pedra.

Alguns tipos de pedra têm finalidades mais sofisticadas do que o uso artesanal em peças e utensílios, revestindo até mesmo fornos de pizza e bancadas de grandes laboratórios. Mariana, por exemplo, é conhecida mundialmente como a cidade que tem a pedra-sabão mais resistente ao calor, até hoje encontrada.



Flávio mostra a pedra utilizada na reforma da estátua de Cristo.

Imagem 3 - Matéria publicada na Veja, em maio de 2000, a respeito da procedência do material utilizado na construção da estátua. Fonte: OPPS (Acesso em 28 jun. 2019. Disponível em <http://www.opps.com.br/portugues2.html>)



Imagem 4 - Detalhe das peças do Cristo Redentor. Fonte: Blog do Mardemes (Acesso em 28 jun. 2019. Disponível em <https://mardemes.wordpress.com/2010/04/16/a-reforma-do-cristo-redentor/>)

Com a produção artesanal ganhando cada vez mais força e visibilidade em todo o País, as famílias passaram a ver na pedra-sabão oportunidades de desenvolvimento. Até o início dos anos 1990, o artesanato foi responsável por 100% da economia que girava em Santa Rita, mas a visibilidade que crescia aos olhos, em um determinado momento começou a afetar essa total dependência.

Turistas do mundo inteiro aquecem o comércio de artesanato de esteatito, ensejando o crescimento do ramo. Além disso, os custos iniciais para se estabelecer uma oficina de artesanato são baixos, a área requerida é pequena e não é necessária grande especialização da mão de obra, fazendo com que muitas famílias vejam no artesanato uma boa fonte de renda (TORRES, 2007).

Após uma reportagem da TV Globo realizada em Santa Rita em meados da década de 1990, a produção desenfreada da pedra-sabão na região chamou a atenção para a fiscalização de órgãos ambientais, como o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e a ANM (Agência Nacional de Mineração). O desconhecimento acerca das legislações da exploração mineral e a falta de informações e de associações que visassem padronizar a produção e unir os artesãos em uma competitividade saudável afetou os pequenos produtores, pois grande parte deles não possuíam recursos suficientes para legalização e, conseqüentemente, manter seus negócios. Ao mesmo tempo, a grande procura por produtos fez com que a concorrência se tornasse desordenada, com artesãos vendendo seus produtos a R\$ 1,99, o que gerava desvalorização no mercado.

O conhecimento tácito envolvido em todo o processo produtivo minero-artesanal vem sendo substituído por uma produção em escala e por uma conseqüente divisão de trabalho, o que faz com que o conhecimento construído ao longo dos anos seja abandonado. Dessa forma [...] a sua identidade cultural tende a ser substituída por uma necessidade presente do mercado, sem o investimento e desenvolvimento das capacidades locais. Este investimento acarretaria um maior valor agregado aos produtos e potencializaria a economia das localidades. Outra forma complementar à preservação desta atividade é o fortalecimento das associações de classe de forma a orientá-las a fim de valorizar o trabalho desenvolvido por elas, fato que não se observa atualmente (RODRIGUES *apud* SILVA, 2012, p. 54).

O enfraquecimento da produção de pedra-sabão atingiu seu ápice em 2006, após uma grave denúncia de exploração do trabalho infantil no subdistrito de Mata dos Palmitos feita por uma reportagem⁴ publicada por uma ONG paulista. Na publicação, ilustrada por fotografias, repórteres expuseram a exploração infantil de crianças de 8 a 11 anos em pequenas oficinas clandestinas da localidade que prestavam serviços a multinacionais, como as alemãs *Faber Castell* e a *Basf* e também a britânica *ICI Paints*. A denúncia logo atraiu curiosos e chamou a atenção de órgãos fiscalizadores até a região. Porém, após instaurado um inquérito investigativo, o Ministério Público do Trabalho constatou que “o trabalho de crianças e adolescentes em Mata dos Palmitos existe de fato, em atividades desenvolvidas para ajudar no sustento e renda das famílias, não sendo executado de forma direta para as empresas exploradoras da jazida na região ou compradoras das pedras” (CASTILHOS, 2012).

⁴Reportagem "A Idade da Pedra". Observatório Social em Revista. 2006. Disponível em: https://issuu.com/papel_social/docs/08-01-2006_01-er09-a_idade_da_pedra. Acesso em 09 jun. 2019.

Até a presente data, Santa Rita ainda sofre os impactos dessa denúncia. Ela afetou as diversas famílias que se dedicavam à produção artesanal, o que fez os artesãos se tornarem receosos em conversar sobre o ofício com qualquer um que venha manifestar a intenção de realizar algum tipo de trabalho ou pesquisa que tenha base a pedra-sabão da região (CHAGAS, 2018).

No que se refere à denúncia, os artesãos alegam que foi um equívoco dizer que existia trabalho infantil em seus domicílios, visto que a família é a primeira comunidade de prática desse novo aprendiz. Segundo eles, é nesse contexto familiar, assistindo seus pares, observando o trabalho e manuseando ainda de forma incipiente a rocha, que vai nascendo o artesão, que vai aflorando o amor e a identidade com o artesanato (CHAGAS, 2018).

Com mais de 30 subdistritos, que também colaboram com a economia e o desenvolvimento do distrito, Santa Rita é, hoje, o maior distrito de Ouro Preto em extensão territorial, além de ser considerado o maior produtor de pedra-sabão da América Latina (SANTOS, 2009).

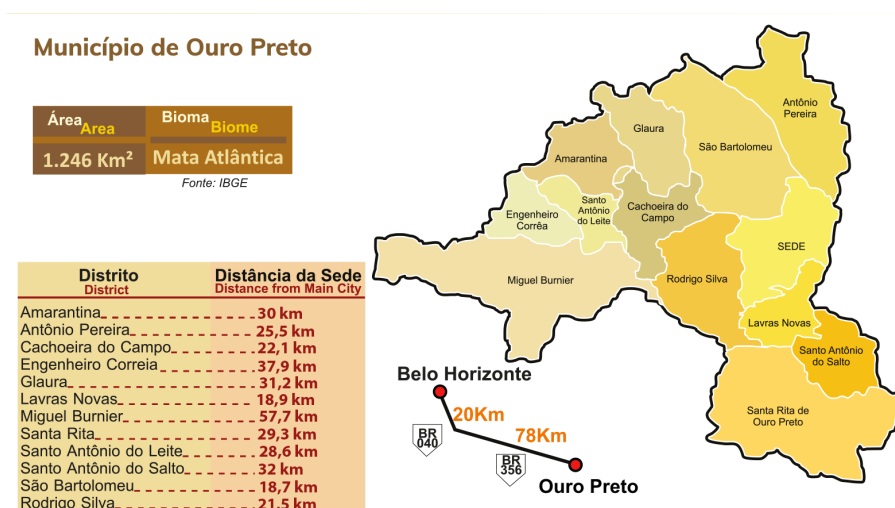


Imagem 5 - Mapa do município de Ouro Preto. Fonte: Secretaria de Turismo de Ouro Preto (Acesso em 07, fev. 2023). Disponível em: <https://turismo.ouropreto.mg.gov.br/dados-geograficos>

Segundo a última pesquisa registrada pelo IBGE, em 2013 Santa Rita registrava 5.800 habitantes, dos quais 70% se dedicavam à extração e artesanato na pedra-sabão. A Associação de Moradores de Santa Rita estima que, hoje, a população esteja entre 6.500 a 7.000 habitantes, e desse número apenas 15% se dedicam à produção manufatureira. Essa queda se deve não somente às questões judiciais já mencionadas, mas também ao descontentamento dos artesãos com o mercado e a maior facilidade de imigração para outras áreas trabalhistas, como os órgãos públicos. Além disso, não há investimento em divulgação e marketing que possa atrair turistas para a região. Isso faz com que o artesanato proveniente de Santa Rita e

sua movimentação econômica se concentre apenas à sede, reduzindo-se a um único produtor: a Feira de Pedra Sabão, no Largo do Coimbra, centro histórico de Ouro Preto (AZEVEDO; ASTONI, 2014).

O artesanato em Pedra Sabão valorizado e bem explorado, pode contribuir para torná-lo uma rota de turismo cultural, valorizando o saber fazer tradicional e melhorando a vendagem desses artefatos, de forma a contribuir e garantir a sustentabilidade dos seus artífices. Além disso, o empoderamento desses atores contribui para que eles se fortaleçam, se organizem e promovam ativamente a difusão da importância do artesanato como patrimônio cultural local (CHAGAS, 2018).

Para que Santa Rita de Ouro Preto possa crescer e se desenvolver, é preciso despertar na comunidade a vontade de evoluir e se emancipar. Atiçar a autoestima dos moradores que precisam, urgentemente, acreditar em si mesmos e superar a condição de passividade. Acreditar que são capazes de sobreviver ao sistema que a política, por meio dos representantes, implantou na vida da comunidade fazendo com que parasse no tempo e se tornasse dependente dos poderes Executivo e Legislativo.

No distrito, todas as famílias tiveram ou têm ao menos um membro envolvido diretamente e economicamente com a pedra-sabão, seja na extração ou somente no artesanato (CHAGAS, 2018). Vale ressaltar que esse contato com a pedra, muitas vezes, inicia-se desde a infância, por meio dos olhares atentos dos filhos às atividades dos pais, dos avós e dos tios. Essas vivências ultrapassam as instruções e o ensino, o que faz com que os jovens “se envolvam não somente com suas práticas socioculturais, mas tenham, também, contato com os integrantes mais velhos e se inteirem sobre as atividades e as identidades que fazem parte dela até que sejam aceitos” (CHAGAS *apud* LAVE; WENGER, 1991, p. 111).

1.1. Questões ambientais, apoio de legalização

A principal questão trazida pelos órgãos oficiais para a extração e a produção de pedra-sabão em Santa Rita de Ouro Preto é a insustentabilidade ambiental e os problemas de saúde das pessoas que estão diretamente envolvidas com a cadeia produtiva. Segundo Almeida (2006), de uma pedra bruta extraída para a manufatura, utiliza-se apenas 10%, sendo os 90% restantes resíduos.

Pode-se estimar que cerca de 146 toneladas de resíduo de esteatito são geradas por mês e pelo menos 1225 toneladas de resíduos são descartados anualmente sem nenhum critério ambiental. Essa é uma situação preocupante que precisa ser avaliada e resolvida (ALMEIDA, 2006).

Esse resíduo é constituído não somente de substâncias e pó de talco da pedra-sabão, mas também substratos de lixas e esponjas de aço, por exemplo, que são na maioria das vezes, envolvidos e descartados em locais inadequados, como rios, terrenos baldios próximos a estradas e nas imediações das oficinas. Há alguns casos em que esses resíduos são coletados pelo serviço de limpeza urbana da prefeitura municipal (RODRIGUES, 2016).

Além de todas as questões ambientais, há o risco à saúde daqueles que estão diretamente e indiretamente envolvidos com a produção, desde a segurança dos equipamentos usados à doenças respiratórias causadas pela inalação do pó.

Os equipamentos introduzidos ao processo acentuam algumas situações de risco, principalmente relacionadas à saúde dos artesãos. Dentre essas situações, pode-se citar a ocorrência de graves acidentes de trabalho com cortes e mutilações de membros e o desenvolvimento de várias doenças respiratórias nas pessoas direta e indiretamente envolvidas na atividade (BEZERRA, 2002).

O fato é que não há, em Santa Rita de Ouro Preto, associações ou instituições que possam apoiar os artesãos e padronizar a fabricação visando não somente uma produção mais limpa, mas também um mercado competitivo saudável, que possa gerar desenvolvimento e garantir estabilidade tanto no atacado quanto no varejo.

A legalização da exploração, que atende às questões ambientais e à segurança dos produtores, possui um custo muito alto aos donos das indústrias e das oficinas, além de ser um processo longo e complexo, o que, conseqüentemente, faz com que seja rentável apenas às empresas de grande porte que utilizam a pedra de forma industrial. Durante o processo, a empresa ou o produtor em pessoa jurídica é obrigado a estar legalizado no âmbito jurídico e também no ambiental, sendo esta última adquirida pelas três instâncias de governo: municipal, estadual e federal, em órgãos que vão desde a Secretaria Municipal de Meio Ambiente ou outro relacionado até o IBAMA e a ANM. Vale ressaltar que não há uma legislação específica para a exploração da pedra-sabão (a mesma legislação que rege a exploração de minério de ferro, como a realizada pela empresa Vale, é aplicada às pequenas mineradoras de pedra e talco) e nem uma outorga para a concessão de lavra. O processo parte de alvarás de pesquisa.

Nos dias de hoje, grande parte da extração da pedra-sabão está direcionada em atender indústrias de cosmética, farmacêutica e de revestimentos, restando em torno de 10% dessa extração na manutenção do artesanato regional (AZEVEDO; ASTONI, 2014). Em pesquisa realizada em 2013, a última registrada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Ouro Preto, foram identificadas 26 oficinas em atividade na zona urbana. Os dados referentes ao quantitativo na zona rural ainda não estão disponíveis.

2. A FOTOGRAFIA

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória. O escritor dispõe de tempo para refletir. Pode aceitar e rejeitar, tornar a aceitar; (...) Existe também um período em que seu cérebro se esquece e o subconsciente trabalha na classificação de seus pensamentos. Mas, para os fotógrafos, o que passou, passou para sempre. É deste fato que nascem as ansiedades e a força de nossa profissão. (CARTIER-BRESSON, 1971, p. 21).

Biografado por Meucci (s/d, p. 1)⁵, Bresson foi trazido pela autora como "artista inato". Muitos fotógrafos optam por estúdios fechados e luzes artificiais, mas Bresson (1908-2004) enxergava seu estúdio em todos os lugares e utilizava a luz dos dias, das ruas, e também a luz das vivências e das relações ao seu redor. O fotógrafo possuía o poder de captar o que era da visão de todos, mas que apenas ele, com seu olhar sensível e atento, podia perceber. Bresson, enquanto co-fundador da Agência Magnum, com seu chamado "momento decisivo" (*Ibidem*, p.1), revolucionou a fotografia e a transformou em arte.

A fotografia surgiu em 1826, se levarmos em consideração a ação da luz em sua produção (BAURET, 2010). Em seus quase duzentos anos, desenvolve-se, de acordo com Smith (2017, p. 6), mais rápido que qualquer outra arte visual, tornando-se uma maneira de materialização de memórias. Essas memórias, que também são trazidas por Bresson, relacionam-se com o instante em que a fotografia acontece e com o que ela permite, mesmo havendo momentos em que não é possível esse fazer fotográfico. Em minha pesquisa, o instante da fotografia vem do fato de que cada momento é único, e cada morador também expressa essa individualidade no seu cotidiano. A captação do instante de integração e comunhão entre Santa Rita e o santa-ritense é o que pretendo trazer em minhas fotografias.

As relações a serem cultivadas com os moradores e artesãos de Santa Rita, e as imagens que se pretende produzir, fazem parte da exteriorização de desejos meus, vindos desde o início da graduação. A materialização dessas imagens, registrando morador, morador artesão, matéria prima e a integração entre tudo isto, faz com que elas se tornem memória, podendo ser repassadas por gerações, narrando e ilustrando a vida das pessoas, de suas famílias, seus ofícios, sua cultura. A possibilidade de registro de memória e, com a fotografia digital, o espalhamento de arquivos, fez com que a imagem fotográfica ganhasse tanto espaço

⁵ Disponível em:

<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downloads-uteis-biografia-de-henry-cartier-bresson.pdf>. Acesso em: 05 Jul. 2019.

atualmente. O surgimento da câmera fotográfica fez com que a capacidade de perceber e conhecer o cotidiano se intensificasse.

[...] o início ou a intensificação da fotografia está relacionada ao surgimento e crescimento das sociedades industriais, momento em que observamos o surgimento e aprimoramento de diversas técnicas científicas, a ascensão de grandes potências as grandes guerras. É, pois, um período de grandes mudanças não só estruturais, mas também de valores, em que a concepção de indivíduo e coletividade vão sendo ressignificados. (BRITO, 2012).

Com o avanço das tecnologias de comunicação e informação, as formas de registro, em especial as de caráter de representação documental, chamam a atenção da sociedade. Vê-se ao mesmo tempo, na fotografia, um complemento para as artes plásticas e uma ferramenta que possibilita a captura da realidade do cotidiano. Enquanto a TV, o rádio e o telefone cresciam cada vez mais como meios de comunicação, a imprensa passou a aprimorar suas atividades a fim de aproveitar melhor a fotografia (QUEIROGA, 2012, p. 19), que se desenvolveu ao lado da informação e, assim, tornou-se popular, especialmente após a chegada da Kodak portátil⁶ (1888). Esta, a primeira câmera a utilizar filme de rolo, possibilitou a pessoas comuns a produção de seus próprios registros.

O homem passou a dispor de um mecanismo para reter e preservar instantes do espaço-tempo e fazer o passado emergir no futuro de forma fidedigna, sem a subjetividade da pintura e do desenho, até então responsáveis pela representação da história (CHIODETTO, 2008, p. 25).

Além disso, o fotojornalismo também se fortaleceu com a modernização e a funcionalidade da fotografia. As coberturas jornalísticas e as produções documentais ganharam fôlego, representatividade e credibilidade, uma vez que as imagens fotográficas ilustram, de melhor maneira, a narrativa e as vivências que estão inseridas nela. Hoje, contudo, apesar da tecnologia cada vez mais avançada na fabricação dos equipamentos fotográficos, a prática da fotografia vai muito além das câmeras, como descreve Queiroga:

Atualmente, é possível produzir fotos em câmeras acopladas ao telefone portátil, e enviá-las imediatamente para um *website* jornalístico. O público conhece a *plasticidade* utilizada nesses canais, conhece a câmera, o laboratório digital e como fazer a cópia. O que diferencia o trabalho do profissional não é a câmera nem o domínio da *plástica*, mas entender *o que é* a fotografia e a capacidade que ela tem de estar em um campo estético e documental ao mesmo tempo; entender que ela precisa não apenas informar, mas comunicar. (QUEIROGA, 2012, grifos do autor).

A fotografia dá cor às narrativas e auxilia na compreensão de diversas situações de uma maneira mais completa, trabalhando ao lado das palavras. O fotojornalismo surge da

⁶As informações não referenciadas neste tópico foram extraídas do site "tecmundo". Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/122279-historia-kodak-pioneira-da-fotografia-nao-evoluiu-video.htm>. Acesso em 29 jun. 2019.

combinação entre informar e narrar com as sensibilidades artísticas humanas, reforçando ainda mais seu caráter documental. Palavras e imagens, quando bem trabalhadas, representadas e expostas juntas, tendem a fazer com que o leitor fique mais próximo da narrativa, culturalizando e possibilitando maior satisfação diante da produção.

Apesar da credibilidade que a fotografia transmite, há quem discuta sua veracidade. "O público não duvida da fotografia documental, [...] pois a ideia de real está impregnada nela" (QUEIROGA, 2012, p. 56). Porém, ao mesmo tempo em que é importante ressaltar a autenticidade da imagem, ela também provoca a sensação de ser ficcional, mesmo ao retratar a realidade, porque o fotógrafo traz consigo toda a técnica, associada a seus filtros, como a escolha da angulação, equipamento e enquadramento. Na pesquisa em questão, não será colocado em prova o artesanato e a capacidade do artesão retratados nas fotografias, tampouco a relação que será desenvolvida entre pesquisador e fonte, mas antes que a imagem seja materializada, várias questões são inseridas para se criar o seu contexto, o enquadramento, desde às relacionadas ao convívio entre duas pessoas até às questões técnicas já mencionadas. Para Beaumont Newhall (1997), essa autenticidade presente na fotografia lhe dá qualidade de "evidência ou prova", fazendo com que ela se torne documental, inclusive assumindo seu caráter subjetivo:

"Ao longo da história tentaram substituir a palavra 'documental' por 'histórica', 'factual', 'realista'. No entanto, como a palavra documental contém todas estas qualidades, ela passou a vigorar como a melhor forma de se designar uma abordagem do mundo que abarque, inclusive, a subjetividade do ponto de vista" (NEWHALL *apud* CHIODETTO, 2008).

A partir daí, encontra-se a "realidade fotográfica" defendida por Kossoy (2005), quando ele traz a questão da fotografia ficcional como "forma de registro":

A fotografia é uma forma de registro, não um aparelho detector de verdades ou mentiras. A matéria-prima da imagem fotográfica é a aparência - selecionada, iluminada, maquiada, produzida, inventada, reinventada, - objeto da representação. A fotografia se refere, portanto, à realidade externa dos fatos, das fantasias e das coisas do mundo, e nos mostra uma determinada versão iconográfica do objeto representado, uma outra realidade: a realidade fotográfica (KOSSOY, 2005).

É assim que será possível documentar as histórias de Santa Rita, as vivências que ali estão e que são proporcionadas na relação fotógrafo/fotografado. Na tomada de decisões técnicas, expressivas, históricas, conceituais, ideológicas e plásticas, que vão desde a composição até editoração das imagens, é que estão as concepções do fotógrafo, de acordo ainda com sua cultura visual e o tema escolhido para ser representado pelas fotografias. Tudo isso cria o que Kossoy (2005) chama de *ficções documentais*:

[...] são muitas as possibilidades de manipulação elaboradas pelos meios de comunicação impressa. Desde sempre as imagens foram vulneráveis às alterações de seus significados em função do título que recebem, dos textos que 'ilustram', das legendas que as acompanham, da forma como são paginadas, dos contrapontos que estabelecem quando diagramadas com outras fotos etc. Tudo isso além de outras manipulações como a reutilização de uma mesma fotografia para servir de prova numa situação diferente – e, por vezes, até antagônica – daquela para qual foi produzida originalmente através, simplesmente, como já foi dito, da mera invenção de uma nova legenda ou título.

Obtém-se assim, por meio da composição imagem-texto, um conteúdo transferido de contexto: um novo documento é criado a partir do original visando gerar uma diferente compreensão dos fatos, os quais passam a ter uma nova trama, uma nova realidade, uma outra verdade. Mais uma ficção documental (KOSSOY, 2005).

É possível dizer, então, que as pessoas vêem apenas aquilo que o fotógrafo quer que elas vejam, sem necessariamente distanciá-la da narrativa e de sua veracidade, como a ideia de "invenção" que é trazida por Lippmann: "Por ficções não quero significar mentiras. [...] Um trabalho de ficção pode ter qualquer grau de fidelidade, e enquanto o grau de fidelidade pode ser levado em conta, a ficção não é enganadora" (LIPPMANN *apud* CHIODETTO, 2008).

A fotografia pode ser considerada um documento que materializa e eterniza memórias e vivências sob a identidade coletiva, com uma proporção simbólica capaz de incitar lembranças sobre os tantos modos de vida e compreensão do mundo ao redor deles:

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente (KOSSOY, 2001, 156).

A fotografia em caráter documental, nesse caminhar junto às palavras, também tem como principal objetivo trazer pontos e problemáticas importantes para a vida social, a fim de provocar reflexões e críticas acerca de um determinado tema ou pauta e dar embasamento à narrativa. Isso acontece de acordo com o olhar de cada fotógrafo, o que faz com que seja possível representar, visual, informativa e conceitualmente falando, o tema defendido por ele.

Chamamos de documental o trabalho fotográfico que começa a ser desenvolvido a partir de um projeto elaborado, que requer algum tipo de apuração prévia, estudo, conhecimento e envolvimento com um tema. A fotografia documental se refere, portanto, a projetos de longa duração, que não sejam apenas o registro momentâneo e de passagem sobre determinado assunto (LOMBARDI, 2007, p. 35).

A fotografia documental coloca o sujeito em evidência. No trabalho aqui proposto, os sujeitos são os artesãos da pedra-sabão. Esses personagens são postos como narradores de suas próprias vivências, gerando e agregando conhecimento ao fotógrafo e também à toda a

comunidade que os rodeia. Essa fotografia em caráter documental proporciona momentos que, muitas vezes, passam despercebidos na rotina, além de ser capaz de trazer questões passíveis de apreciação, debate e, até mesmo, problematização. A ideia é que as fotografias produzidas neste produto alcancem visibilidade e conceda valor a essa maneira de documentar, propiciando um olhar diferenciado da comunidade e credibilidade ao fotógrafo e, principalmente, aos seus personagens.

2.1. O fotolivro e seu papel no instante

Os fotolivros são desde muito tempo (pelo menos desde os anos vinte, ainda que sua história comece antes) um eficaz meio de representação, comunicação e leitura de conjuntos fotográficos. [...] é imprescindível que sejam livros em que o autor tenha ordenado um conjunto de fotografias como uma continuidade de imagens, com o objetivo de produzir um trabalho visual legível. Devem ser textos em imagens capazes de conter leituras abertas que caracterizam os livros em palavras (FERNÁNDEZ, 2011, p. 22, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 14).

Uma sequência de imagens materializadas em páginas que convidam quem as folheia à uma experiência cujo objetivo é o mesmo de uma publicação tradicional: desenvolver os sentidos. É como defende Oliveira (2014, p. 14) ao dizer que “a apresentação de fotografias em conjunto, no formato de livro, tem sido um importante meio de observá-las”. Embora neste projeto seja entendível o contexto sequencial, o fotolivro ainda permite ao leitor a liberdade de consumi-lo saltando suas páginas sem interferir no entendimento geral que a obra propõe.

Por muito tempo – e até os dias de hoje, embora menos frequentes devido à modernização e digitalização do processo de deixar palpáveis as captações – era comum reunir imagens em álbuns que, segundo Rouillé (2009), se tornaram a “primeira máquina moderna de documentar o mundo”, que fortalece a prática do ser humano de materializar e preservar para si as lembranças do passado, seja ele recente ou não.

Ao decidir pela materialização em fotolivro, o fotógrafo faz um convite – para si próprio e também para o leitor – à apreciação da proposta visual da obra produzida, onde se cria uma narrativa e embasa o conceito da fotografia enquanto protagonista e, principalmente, documento. Neste projeto especificamente, o fotolivro assume o papel de peça base ao apresentar registros de um breve cotidiano de figuras importantes para o artesanato em pedra-sabão no distrito de Santa Rita de Ouro Preto.

“Santa Rita da Pedra-Sabão” proporciona a quem passeia por suas páginas a contemplação de uma arte secular, cuja história caminha paralelamente à exploração do ouro, e que até os dias de hoje é de extrema importância para o desenvolvimento social, econômico e arquitetônico de toda a região de Ouro Preto. Embora aqui este fotolivro esteja apresentado de maneira digital, a ideia é sua inscrição em editais de fomento à cultura para, então, torná-lo acessível à toda a sociedade e, principalmente, a quem de fato foi fundamental para sua produção: os artesãos e toda a população santa-ritense.

O distrito de Santa Rita, embora seu primórdio seja independente à exploração da pedra-sabão, é fortemente marcado pelo artesanato. Aqueles que aceitam ir além da feirinha no Largo do Coimbra, em Ouro Preto, e conhecer a localidade que impulsiona aquele comércio, têm seus olhares logo impactados pelos tantos artesãos que usam suas próprias residências como oficinas.

A concentração da movimentação econômica do artesanato na feirinha não evidencia os artesãos, que poucas vezes foram protagonistas de produções midiáticas e jornalísticas. A força dessa concentração é tanta que é notável a dificuldade de aproximação em busca de um mínimo contato com os artesãos, seja de turistas ou jornalistas. Durante minhas tantas caminhadas pelas ruas com a câmera, durante não apenas a produção deste trabalho mas em qualquer outra circunstância, eu era observado com estranhamento e recusa. Pode-se dizer que tal rejeição é cultural, natural de localidades pequenas e de pessoas simplórias, mas que, no caso de Santa Rita, se torna ainda mais marcante devido ao medo da legislação que rege a exploração e lavra da pedra-sabão.

Com este fotolivro, me observei não apenas enquanto pesquisador, mas como conterrâneo dos artesãos. Isso me levou a questionar minha distância em relação ao artesanato local, embora tão próximo devido ao contexto familiar ligado diretamente à indústria da pedra-sabão. Apesar de saber da potência que o trabalho do pequeno artesão possui, percebi que meu papel enquanto fotógrafo foi fortemente influenciado ao buscar pela perfeição tão exteriorizada pela indústria e pelo mercado fora dos limites do distrito.

O fotolivro surgiu baseado nos trabalhos tão simples e, ao mesmo tempo, impactantes dos artesãos nele apresentados, uma vez que podemos considerar o ato de esculpir uma materialização clara da inspiração, da arte que está dentro de cada um deles. É o meu olhar diante do ofício apresentado visualmente a quem se permite folheá-lo. É esta a finalidade

deste projeto: compartilhar o que meus olhos enxergaram e que foi possível registrar diante das lentes da câmera. É o artesanato pela fotografia, uma arte pela outra.

A ideia de evidenciar o processo que antecede o estágio final, ou seja, o comércio, são os elementos que potencializam o projeto do fotolivro. São partes fundamentais da proposta a extração da pedra, sua preparação até, enfim, ser abraçada e ganhar vida pelas mãos dos artesãos. Isso sustenta o poder da fotografia que vai além do que é belo e abre espaço para o que não é apreciado da mesma forma mas que possui o mesmo impacto de informação.

3. CAMINHOS DA PESQUISA

Como pontapé para a realização do projeto, e devido à escassez de informações por parte do poder público, fui em busca de moradores e artesãos que eu sabia, desde o início e pela minha experiência pessoal enquanto santa-ritense, que teriam muito a acrescentar, com o propósito de adquirir referências e dados históricos e geográficos do distrito para compreender melhor o grande protagonista de todo o trabalho. Para tomar conhecimento sobre a história de Santa Rita, os primeiros contatos foram feitos com Marcelo Rodrigues de Paula, meu pai e empresário do ramo da mineração em pedra-sabão; Joana Chaves, ex-presidente da Associação de Moradores; Felipe Alfredo, tio-avô, comerciante e um dos artesãos mais antigos de Santa Rita; Maria d'Assunção Rodrigues Arce, tia-avó, santa-ritense, escritora e contadora de histórias e Domingos Gomes, pequeno empresário e também artesão de Santa Rita. Todas estas primeiras conversas se deram de maneira informal porém guiada por um roteiro já pré-estabelecido por mim de acordo com minhas necessidades e objetivos daquele momento.

Uma vez que fiquei a par, minimamente, da história do surgimento do distrito, parti em busca de referências acadêmicas a respeito de tudo o que envolvia meu projeto: desde a história de Santa Rita, passando pelo artesanato local, a questão ambiental e, até mesmo, características técnicas a respeito da pedra-sabão. Ao mesmo tempo, passei a acompanhar o calendário do distrito, marcado principalmente por eventos de cunho religioso – neste projeto ilustrados pelas imagens cedidas gentilmente pela fotógrafa Ane Souza. Também caminhei pelas ruas despretensiosamente a fim de me permitir sentir e absorver o que tudo ao meu redor poderia oferecer: os cumprimentos aos moradores, as conversas rápidas a respeito da vida corrida, os artesãos esculpindo à beira das ruas, etc. Olhando para tudo que representava parte do cotidiano do distrito, pude determinar, de vez, a fotografia e o fotolivro como metodologias norteadoras da produção do meu projeto.

O papel da fotografia neste trabalho vai muito além de ilustrá-lo. O ato de fotografar materializa o presente e é justamente isso que dá a ele a qualidade de honestidade do que é registrado, como uma prova fidedigna, mesmo sendo um registro de algo que se torna passado logo após o instante, como é trazido como discussão aqui. A fotografia aqui tem o papel de registrar não apenas o trabalho ao qual me submeti, mas materializar a história, a arte e o instante do cotidiano dos personagens aqui trabalhados, uma vez que a imagem (seja ela estática ou não) ainda é a principal fonte visual de registro e informação.

Para as captações, foi utilizada uma câmera Canon T5i com as lentes 18-55mm, 18-135mm e 75-300mm. As fotografias de minha autoria foram feitas por meio da iluminação natural, sem interferência de spots de luz, no intervalo entre 8h e 12h e entre 13h e 16h. Os dias eram de céu claro, com forte presença do sol que, apesar dos cenários fechados, influenciou positivamente no contraste proporcionado pelas sombras.

Para ilustrar a celebração da Festa de Santa Rita, pude contar com imagens cedidas gentilmente pela fotógrafa Ane Souza, da Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Devido à pandemia, a tradicional festa da padroeira não acontece desde 2019, o que justifica minha necessidade em ter ido em busca de imagens já produzidas pela fotógrafa.

Além das dificuldades sociais enfrentadas ao longo do processo e já mencionadas anteriormente, me senti desafiado pela falta de iluminação artificial, tendo que, na maioria das vezes, colocar em risco um instante importante que deveria ser captado para me concentrar nos ajustes técnicos de controle de ISO e velocidade. Ao mesmo tempo, contar apenas com o cenário em sua naturalidade reforça a simples percepção de que eu era apenas um pesquisador fazendo captações de uma rotina já existente na vida de cada uma das minhas fontes.

Como resultado para além das fotografias, e apesar dos fortes laços não apenas familiares mas sociais enquanto conterrâneo, me vi, de fato, um pesquisador em campo em busca de uma construção que causasse provocações não apenas em mim, mas no leitor. A proposta foi evidenciar o artesanato por trás do comércio que movimenta uma forte economia em Ouro Preto, em Minas Gerais e no Brasil e que, ao mesmo tempo, enfrenta uma série de questões sociais, culturais e legais.

Para a apresentação do fotolivro, para não descaracterizar a proposta de um simples cotidiano tal como ele acontece e reforçar o fotojornalismo enquanto prática real e documental, o tratamento dado às imagens se concentrou em sua maioria no controle de cor, luz, contraste e sombras, sem qualquer tipo de manipulação digital ou de cenário, apenas para aproximar ao máximo o registro do que meus olhos presenciaram em cada momento. Me coloquei no papel de “intruso” em meio à uma vida e uma rotina baseadas em inspiração, arte e sustento.

O projeto gráfico é limpo, pensado para tornar o caminho visual do leitor agradável, fluido, sem excessos e elementos distrativos, e para que as fotografias em grande escala

possam ser apreciadas em sua totalidade e com mais clareza. Os textos são curtos e diretos, pensados para facilitar a contextualização e o entendimento da proposta, além, claro, de reforçar o valor que cada imagem e personagem proporcionam ao material. Julgo o resultado como uma obra que estimula o leitor a se conectar com o cotidiano e a valorizar a simplicidade da vida e da arte, bem como a importância da documentação fotográfica como forma de preservação da sua memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato em pedra-sabão carrega em suas esculturas contextos sociais, econômicos, culturais e artísticos na região de Santa Rita de Ouro Preto, tendo grande visibilidade, em todos estes setores, em diversos outros cantos do Brasil e até mesmo em alguns países do mundo. Apesar do desenvolvimento de Santa Rita ter se iniciado independente a ele, foi – e ainda é – o artesanato quem colocou o distrito nos cenários econômico e turístico nacionais.

O trabalho artesanal, concretizado na figura do artesão, é responsável pela criação de uma identidade local, cultural e pelo trabalho, que reverberam não apenas nos próprios artífices, mas também no próprio artefato enquanto arte, repleto de valores agregados, produzidos e reproduzidos sob uma lógica de mercado diferente, para um público - interno e externo à região – que buscam não somente seu valor utilitário, mas também estético, criativo e artístico (CHAGAS, 2018, p.18).

Com o passar dos anos, Santa Rita de Ouro Preto foi se tornando cada vez mais subordinada ao artesanato e se consolidando como berço do ofício e como o maior polo de extração, manufatura e produção de talco e artigos oriundos da pedra-sabão. A rocha retirada das montanhas santa-ritenses está em todo o mundo, presente em pias e esculturas de decoração nas residências até grandes construções, como a estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. Este projeto propôs um olhar que dá visibilidade ao que antecede o estágio final, o comércio que, em muitos dos casos, é administrado por quem não tem o contato, de fato, com a pedra. O maior objetivo do meu trabalho é dar visibilidade à arte dos artesãos e levantar questionamentos importantes que não são levados em consideração por quem movimenta esse mercado.

Tomando a fotografia como metodologia, materializada no formato de um fotolivro, procurei relacioná-la ao artesanato partindo do pressuposto de ser um material palpável e passível de preservação, fazendo com que tudo o que foi apresentado e questionado aqui se torne documental e não perca seu valor histórico e social.

Este trabalho, antes de mais nada, afirmou o papel de repórter documental que esteve em mim desde o início da graduação. Ele diz respeito à uma imersão na localidade onde cresci e cravei raízes fortes, ininterruptas, e à fusão entre a fotografia e o artesanato, duas artes distintas porém igualmente visuais. Desapegar dos vínculos regionais e familiares, ir além do belo, propor problematizações e materializar este olhar não é tarefa simples. Me vi na necessidade de entender o processo, os entraves, pensar e repensar, fazer e refazer fotografias embora sejam tão momentâneas, onde um segundo de distração pode custar o melhor registro.

A fotografia é uma forma de comunicação que não apenas registra momentos e memórias, mas também pode ser utilizada como uma linguagem para expressar ideias e visões do fotógrafo. Neste trabalho, busquei utilizar essa linguagem para apresentar o cotidiano de Santa Rita de Ouro Preto, destacando a arte do artesanato em pedra-sabão. Espera-se que este trabalho possa contribuir para que o artesanato seja visto e valorizado para muito além da feirinha no Largo do Coimbra, em Ouro Preto, e reforce as potencialidades artísticas presentes em cada uma das mãos dos artesãos santa-ritenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Suzana. *Lavra, artesanato e mercado do esteatito de Santa Rita de Ouro Preto, Minas Gerais*. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Minas) – Programa de Pós-graduação em Engenharia Mineral: Economia Mineral. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2006.

AZEVEDO, Camila Miranda; ASTONI, Priscilla Nunes de Mendonça Fernandes. *Reabilitação urbana no distrito de Santa Rita de Ouro Preto*. Pesquisa de anteprojeto de Urbanismo e Paisagismo apresentado à Associação de Moradores de Santa Rita. Ouro Preto, 2014.

BABO-LANÇA, Isabel. *Acontecimento e Memória*. In: França, V. R. V; OLIVEIRA, L.. *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BAURET, Gabriel. *A fotografia: história, estilos, tendências, aplicações*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

BEZERRA, Olívia Maria de Paula Alves. *Condições de vida, produção e saúde em uma comunidade de mineiros e artesãos em pedra-sabão em Ouro Preto, Minas Gerais: uma abordagem a partir da ocorrência de pneumoconioses*. 2002. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Escola de Veterinária: Medicina Veterinária Preventiva e Epidemiologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

BOHRER, Alex Fernandes. *Ouro Preto: um novo olhar*. São Paulo: Scortecci Editora, 2011.

BURGUER, Von. *Estudos sobre “pedras de sabão” de Minas Gerais*. Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, v. 3, 1927.

CARTIER-BRESSON, Henri. “*O momento decisivo*”. In: Fotografia e Jornalismo. Bacellar, Mário Clark (org.). São Paulo, Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971, pp. 19-26.

CASTILHOS, Zuleica. *Emissão de poeira mineral na manufatura de pedra-sabão afeta a comunidade de Mata dos Palmitos (MG)*. In: CETEM - Centro de Tecnologia Mineral. [S.l.]. Disponível em: <http://verbetes.cetem.gov.br/verbetes/ExibeVerbete.aspx?verid=20>. Acesso em: 9 mar. 2023.

CHAGAS, Tays Torres Ribeiro. “*Aqui a pedra tem vida*”: um estudo sobre o artesão em pedra sabão. Dissertação (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas. São Paulo, 2018.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: Guia Prático para Análise Qualitativa*. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

CHIODETTO, Eder. *Fotojornalismo: Realidades Construídas e Ficções Documentais*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

FABRIS, Annateresa. “*Identidade / Identificação*”, em *Identidades Virtuais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FERREIRA, Júlia Mariano; COSTA, Marcelo Henrique da. *Olhares de pertencimento: novos fotodocumentaristas sociais*. Londrina, 2009.

HISSA, Cássio. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Humanitas (Belo Horizonte, Brazil)).

HURTER, Bill. *Fotografia de retrato*. 2. ed. Balneário Camboriú, SC: Photos, 2011.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris. *O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens*. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 25, n.º49, p.35-55, 2005.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. New York: Cambridge University Press, 1991. (Learning in Doing: Social, Cognitive and Computational Perspectives).

LIPPMANN, Otto Carlos; CASTILHOS, Zuleica Carmen; EGLER, Sílvia Gonçalves. *Caracterização de Particulado em Artesanato em Pedra-Sabão na Região de Mata dos Palmitos, Ouro Preto-MG*. 2006. XV Jornada de Iniciação Científica. Anais – CETEM.

LOMBARDI, K. H. *Documentário imaginário: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea*. 2007. 172 f. Belo Horizonte, 2007. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

MACIEL, Stael Lustosa. *Caracterização Tecnológica dos esteatitos de Santa Rita de Ouro Preto, Acaiaca e Furquim*. 2002. Dissertação. (Mestrado em Geologia Econômica e Aplicada). Instituto de Geociências -IGC- Universidade Federal de Minas Gerais. 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Elane Abreu. *Ler imagens, ver a cidade: a fotografia e a questão da narratividade urbana*. ESFERAS, ano 3, n. 5, jul-dez, 2014.

QUEIROGA, Bruna Alves de. *Percepção e Impacto no Fotojornalismo. Fotografia e Comunicação*. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RODRIGUES, Gracielle Moreira de Paula. *‘Um estudo sobre propostas de medidas de controle, através da identificação dos riscos em uma indústria de artefatos de pedra - sabão como suporte para a gestão da Engenharia de Segurança e Higiene do Trabalho’*. Monografia (Graduação em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2007.

RODRIGUES, Maurinice Daniela. *Contribuição da análise ergonômica do trabalho na avaliação social do ciclo de vida de artefatos de pedra sabão: estudo de caso em Santa Rita de Ouro Preto*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RODRIGUES, Maralise Moreira de Paula. *Produção mais limpa aplicada ao processo produtivo de artefatos em pedra sabão, em oficinas do Distrito de Santa Rita de Ouro Preto, MG*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016.

RODRIGUES, Maralise Moreira de Paula. *Estudo para aplicação da metodologia de produção mais limpa na fabricação de artesanato em pedra-sabão em oficina do distrito de Santa Rita de Ouro Preto*. 2009. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental) — Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Minas. Departamento de Engenharia Ambiental, 2009.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo : Senac, 2009.

SANTOS, Milton. *O retorno do território* In: Observatório Social da América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Rita de Cássia Pedrosa. *Análise dos entraves para a criação de um arranjo produtivo local (APL) de base mineral da pedra-sabão na região de Ouro Preto, Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

SILVA, Gustavo Melo; et al. *Economia e sociedade no sistema de produção minero-artesanal*. XIII Simpósio de Engenharia de Produção. Bauru, SP, Brasil, 2006.

SMITH, Ian Haydn. *Breve história da fotografia: um guia de bolso dos principais gêneros, obras, temas e técnicas*. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

TORRES, Harlley Sander Silva. *Caracterização do refugo do esteatito das indústrias e oficinas artesanais da região de Congonhas, Conselheiro Lafaiete, Mariana e Ouro Preto*. 2007. Dissertação (Mestrado em Engenharia dos Materiais). UFOP/CETEC/UEMG. Rede Temática em Engenharia de Materiais, 2007.